

Métodos e Ciência Política:

A percepção dos editores de sete periódicos nacionais Qualis A1, A2 e B1

Fabiane Valmore – UFPR

Mestranda em Ciência Política – Bolsista CAPES

Exercícios de reflexão têm se intensificado na busca de mapear temas, teorias e métodos da Ciência Política no Brasil. São exemplos: Leite (2010, 2015) e Oliveira (2010, 2014). Considerando que os editores de periódicos científicos ocupam posição estratégica no campo porque discutem os critérios que orientam o perfil dos periódicos que editam sob as pressões dos processos de institucionalização e de autonomização da Ciência Política, foram realizadas 12 entrevistas em profundidade com os (ex)editores de sete periódicos nacionais (**DADOS, RBCS, BPSR, RBCP, Lua Nova, Opinião Pública e Revista de Sociologia e Política**), entre 2014 e 2015. As entrevistas duraram cerca de 23 horas, foram transcritas e estão sendo analisadas com o propósito de contribuir com a sistematização do conhecimento da disciplina no Brasil. A questão central da presente pesquisa é: **qual a percepção desses editores sobre métodos na Ciência Política? Particularmente, sobre a relação entre sofisticação metodológica e refinamento teórico.** Os resultados apontam para dois grupos de percepções. Um, maior, defende uma Ciência Política que considere com variáveis explicativas, também, os fenômenos sociais, culturais e econômicos. Outro, considerado o *mainstream* da disciplina, elege como objeto a política institucionalizada e como forma de abordagem o neoinstitucionalismo. O primeiro é crítico da hipervalorização que o campo hegemônico faz do uso de métodos quantitativos.

Sofisticação metodológica, na minha opinião, corresponde à capacidade explicativa dos métodos, se você tem métodos sofisticados com baixa capacidade de explicação [da realidade] você tem um problema, e essa é uma tendência na área. (...) acho que permanece na área um grande fetiche pelo quantitativismo, existe uma ideia de que quanto mais números mais potencial explicativo há nos trabalhos, existe uma ideia de que quanto mais sofisticação estatística existe, mais qualidade tem o trabalho (...) Eu acho que sofisticação metodológica e profundidade ou consistência teórica não são equivalentes... (...). Então, se você não tem nenhuma problematização teórica que te permita entender a complexidade daquela realidade, você pode adotar... métodos que sejam redutores daquela realidade e acreditar que você tá sendo capaz de produzir uma compreensão muito exata, muito objetiva... (Flávia Biroli, RBCP).

O 'fetiche metodológico' de que fala a editora Flávia Biroli tem a ver com o que diz o editor Marcos Alvarez, da RBCS: “(...) se você aplica técnicas já consagradas, a ilusão é que basta aplicá-las, sem abrir o debate (...)”, com o que afirma Perissinotto: “(...) nem sempre um trabalho metodologicamente perfeito é ambicioso o suficiente para produzir um avanço teórico” e também, com o que diz o editor Breno Bringel, da Dados: “Sofisticação metodológica não é igual a refinamento teórico. Aliás, muitas vezes uma coisa não acompanha a outra... [por ex.] quando a metodologia torna-se praticamente um fim em si mesmo e não um meio para resolver um problema teórico”.